



Carta do Abade Geral
para o Natal 2013

"Tu rompestes os meus grilhões!"

Queridos Irmãos e Irmãs Cistercienses,

Os acontecimentos alegres ou dolorosos deste último ano, em nossa Ordem, Congregações, em cada comunidade, fizeram-me mais consciente e sensível ao tema da liberdade com que vivemos a nossa vocação.

Ao mesmo tempo, nos sentimos todos admoestados pelo testemunho do Papa Francisco a reencontrar o fervor evangélico, a renovar e, sobretudo, para pedir ao Espírito Santo a disponibilidade de coração e vida para seguir o Senhor, com decisão alegre em direção a todas as "periferias" humanas, nas quais Jesus ainda não é conhecido e amado. A recente Exortação Apostólica *Evangelii gaudium* deverá ser para toda a Ordem um instrumento de trabalho e ajuda à conversão, para descobrir como chegar ao fundo do nosso carisma com maior gratidão e alegria; mas para isso, como em tudo, a condição é a liberdade de consentir ao projeto de Deus, e é sobre isso que eu gostaria de meditar convosco.

Os grilhões de ferro e os grilhões de Cristo

Jesus Cristo veio para nos tornar livres, verdadeiramente livres: "Se, pois, o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres" (Jo 8,36). O que significa ser verdadeiramente livres, isto é, livres com verdade?

Cito, muitas vezes, a este propósito, um episódio contado por São Gregório Magno no terceiro livro dos *Diálogos*. Um eremita no monte Mársico, de nome Martinho, "assim que chegou ao monte (...) amarrou a um pé um grilhão de ferro, e fixou a outra extremidade a uma rocha, de modo que não podia afastar-se mais do quanto permitia o comprimento da corrente. Recebida a notícia, o venerável Bento (...) se fez dizer por um seu discípulo: 'Se és servo de Deus, a ter-te amarrado não seja um grilhão de ferro, mas o grilhão de Cristo'. A estas palavras, Martinho se libertou

imediatamente do grilhão de ferro, mas mesmo com o pé livre não se afastou de lá, mais do que costumava fazer quando o tinha acorrentado" (*Diálogos* III,16).

São Bento não disse ao eremita Martinho que deveria desfazer-se de todas as correntes, não lhe propôs uma liberdade como finalidade em si mesma: aconselhou-o, em vez, a acorrentar-se interiormente a Cristo. O "grilhão de Cristo" é uma corrente muito mais sólida que um grilhão de ferro, e mesmo assim é uma corrente que nos liberta. Como? Ativando a nossa liberdade. Para ficar acorrentado a Cristo, isto é, para pertencer a Ele, para ser "servo de Deus", o homem não pode delegar sua liberdade ao ferro que lhe segura um pé, e nem mesmo a leis e regras rígidas que o acorrentam com a força e o temor. Para ser acorrentado a Cristo, o homem deve ativar a sua liberdade de consentir ao seu amor, consentir uma amizade com Ele. Contrariamente aquilo que pretende uma mentalidade dominante, a liberdade humana é viva e matura quando sabe escolher por pertencer, e quando esta escolha é decidida a cada instante, encontro, ocasião, circunstância, pela liberdade e não pela imposição. A liberdade, ao contrário do grilhão de ferro, é invisível, mas se manifesta nas correntes que seguram e aceitam, nas correntes que escolhem, na qual se permanece fiel. A fidelidade, em todas as esferas da vida, é uma adesão constantemente renovada pela nossa liberdade.

Por que parece tão difícil, nos mosteiros, comunidades, famílias, sociedade em geral, escolher sempre e novamente o vínculo da fidelidade? Talvez porque se creia que a liberdade possa nascer de si mesma, ou melhor, do nada. Os "grilhões de ferro", que muitas vezes são cadeias virtuais, sentimentais, moralistas, são correntes, nas quais, a liberdade permanece sozinha, sem relação. A liberdade humana, ao invés, é feita para nascer, crescer e expressar-se sempre dentro de uma relação pessoal, com Deus e com os outros. O homem não pode estar em relação com o ferro; com a corrente de ferro, o eremita Martinho estava sozinho consigo mesmo. O "grilhão de Cristo", ao invés, é a relação com Ele, um relacionamento, uma amizade, e dentro deste relacionamento se cria o espaço, na qual, a liberdade pode viver, expressar-se, gerar fidelidade e amor.

O homem contemporâneo, sobretudo o ocidental, é muito sozinho, pobre de relações, e é por isso que lhe falta o ar para dar respiro a sua liberdade, ou melhor, a água onde a liberdade pode nadar e ir ao largo. E também em tantas comunidades noto que, muitas vezes, se é mais um grupo de solitários unidos do que corações livres em diálogo e comunhão.

Filhos da serva do Senhor

Um versículo do Salmo 115 é para mim uma das melhores definições teológicas da liberdade: "Sim, eu sou teu servo, Senhor, teu servo e filho da tua serva. Tu rompestes os meus grilhões." (115,16).

É a liberdade dos filhos de Deus, a liberdade libertada, uma liberdade doada, pascal. Tornamo-nos verdadeiramente livres quando Deus nos concede pertencer a Ele, e nos educa a isto, na relação com Ele e n'Ele. Por isso Ele mesmo nos concede de

sermos gerados e educados pela sua "serva", que para nós é Maria, que para nós é a Igreja, a comunidade cristã em que nascemos com o batismo, e que sempre nos acompanha para formar-nos a liberdade dos filhos de Deus, liberdade que se alegra de servir ao Senhor e Seu projeto de salvação.

A comunidade na qual Deus nos chama a servi-lo, cada um segundo a sua vocação, esta é a "escola do serviço do Senhor", que São Bento descreve na sua Regra (RB Pról. 45). Nesta a liberdade é chamada a respirar e desenvolver-se "com o coração dilatado" para "correr no caminho dos mandamentos do Senhor, na inefável doçura de amor" (Pról. 49). São Bento convida-nos a fazer experiência, de como a obediência liberta a nossa liberdade, concedendo-a dilatar-se na caridade da comunhão com Deus e os irmãos.

O tempo do Advento e Natal, como todo tempo da Igreja, deve ajudar-nos a aprender da Virgem Maria, a verdadeira liberdade em Cristo. Maria ensina-nos que a liberdade é viva quando consente, quando se obedece ao projeto de Deus. O que significa que Deus tem um projeto? Significa que desde a eternidade Ele renova tudo, faz novas todas as coisas (cf. Ap 21,5). Deus não pode fazer senão coisas novas, sempre novas, e não pode senão renovar cada coisa que já existe. Cada momento de vida e de existência que nos doa é novidade. E Deus nos precede sempre em querer, para nós e para o universo, a plenitude de uma inteireza infinita. Se fôssemos conscientes disto, isto é, se tivéssemos esse olhar de fé sobre nós e sobre tudo, viveríamos em uma alegre esperança, uma esperança invencível, que nada poderia confundir, porque teríamos a consciência de que tudo se cumprirá no amor, na plenitude eterna da caridade de Deus.

Bem, Maria viveu sem sombras a liberdade de consentir, nesta esperança de fé, ao projeto da caridade de Deus. No momento da Anunciação, qual foi o primeiro "voto" que a Virgem fez? O voto de obediência. Maria não pensou, antes de tudo, a virgindade, nem a pobreza. Entendeu que aquilo que Deus lhe pedia, antes de tudo, em primeiro lugar, foi o consenso da sua liberdade, a sua livre obediência. O Senhor perguntou-lhe se queria consentir ao seu projeto de fazer novas todas as coisas, por meio da Encarnação do Verbo, seu Filho. E Maria, livremente, deu a Deus a sua liberdade: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra" (Lc 1,38). A obediência é uma liberdade doada, e quando a liberdade é doada a Deus, Ele serve-se para realizar a sua obra, o seu projeto de renovar o mundo. Não é o poder, não é a força, mas a obediência, como oferta a Deus da nossa liberdade, que torna a vida instrumento do milagre, da obra de Deus que é sempre um milagre, mesmo quando cria uma folha de grama.

É esta a liberdade que Maria quer nos ensinar, é nesta que quer gerar-nos, filhos da Serva do Senhor, é nesta liberdade que quer gerar-nos a Madre Igreja. E cada carisma na Igreja, como aquele de São Bento e o carisma cisterciense, são essencialmente expressões dessa maternidade da Igreja, através da qual o Espírito Santo educa-nos à liberdade de consentir ao projeto de Deus. Cada carisma é uma forma de obediência ao Espírito Santo, para que Cristo se encarne, aqui e agora no mundo, para salvá-lo.

O desejo de obedecer à vontade de Deus é a alma viva da vida cristã e, portanto, em particular, da vida consagrada. Todo o resto é vaidade, nosso projeto destinado a perecer, esterilmente.

Pensamos muitas vezes que uma fé grande significa ter uma fé que obtém tudo de Deus. Admiramos, de fato, os santos que com a sua fé obtém graças e milagres. Isto também é verdade, este é também um aspecto importante da grandeza da fé; mas diria que há um aspecto mais profundo da grandeza da fé que pensamos pouco: que a fé maior não é quando obtemos tudo de Deus, mas quando Deus obtém tudo de nós. É a grande fé de Abraão, a fé grandíssima de Maria. Abraão e Maria, no fundo, nunca pediram muito a Deus. A grande fé deles consistia, em vez, em permitir a Deus de pedir-lhes tudo, confiando que esta era a melhor coisa para eles e para todos, mesmo quando Deus pediu a Abraão para sacrificar seu filho Isaac, ou a Maria de aceitar, em silêncio, a morte na cruz de seu Filho. Em Canaã, Maria não insiste muito naquilo que pede. Melhor, não pede nada, faz uma constatação: "Eles não têm mais vinho" (Jo 2,3). Torna-se mais decidida em pedir aos servos, o comportamento que ela vive sempre: "O que Ele vos disser, fazei" (Jo 2,5). Ensina-os a sua fé, seu modo de viver a fé, que, no fundo, é um modo de obter tudo de Deus, permitindo que Deus obtenha tudo de nós.

Creio que aqui está descrita a natureza essencial da obediência monástica, que não deve ser mais do que ir ao fundo da obediência da fé, obediência da fé que confia que tudo o que Deus nos pede é para a realização do nosso bem e do bem de todos. A transformação da água em vinho nas bodas de Canaã foi um símbolo de como a fé, que se coloca a serviço de Deus, conduz à alegria de todos, permite a Cristo salvar e dar desfecho a festa da vida e do amor.

Isto para nós religiosos, para nós monges e monjas, é essencial, é o coração da nossa vocação, que é a vocação batismal de todos vivida com prioridade e radicalidade, pelo menos como intenção, desejo, pedido. A Regra de São Bento nos ensina essencialmente a viver esta radicalidade mariana na fé obediente, que permite a Cristo, salvar a festa da comunidade humana.

Encontro e missão

Porém, como podemos educar-nos a esta plenitude de vida e a vivê-la com disponibilidade?

Desde alguns meses estou sendo profundamente questionado e ajudado pela história que São Paulo conta aos judeus de Jerusalém, do seu primeiro encontro com Cristo, porque aqui ele lembra duas perguntas que coloca a Jesus: "No entanto, aconteceu que na viagem, estando já perto de Damasco, aí pelo meio-dia, de repente uma grande luz que vinha do céu brilhou ao redor de mim. Então caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: 'Saulo, Saulo, por que me persegues?' Eu perguntei: 'Quem és tu, Senhor?' Ele me respondeu: 'Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues!' Meus companheiros viram a luz, mas não ouviram a voz que me falava. Então perguntei: 'Senhor, o que devo fazer?' E o Senhor me respondeu:

'Levante-te e vai para Damasco. Aí vão explicar tudo o que Deus quer que tu faças'." (At 22,6-10).

"Quem és tu, Senhor?"

"O que devo fazer, Senhor?"

Estas duas perguntas são fundamentais na vida. Estas são as perguntas que, no fundo, consentem ao encontro com Cristo e pedem que este se imprima e se exprima em nossa vida.

Saulo de Tarso sintentiza, nestas duas perguntas toda a moral cristã, que é uma pergunta sobre o "dever fazer" que não se separa nunca da pergunta que quer conhecer Jesus Cristo, que pede para Cristo revelar-se. O desejo de conhecer a identidade de alguém é o desejo de permanecer em relação com esta pessoa. Somente a partir deste desejo expresso de relação, que é substancialmente a oração que procura Deus, a pergunta: "o que devo fazer?", assume o seu pleno sentido. Então esta se torna expressão da disponibilidade ao fato que o encontro com Cristo muda a nossa vida, que a fé informa e transforma a vida. Saulo compreende imediatamente, educado como a Virgem Maria pela religião judaica, que cada encontro com o Mistério deve cumprir-se em uma obediência, em um consentimento que permite ao Mistério penetrar na carne da existência.

"Vai para Damasco!"

"O que devo fazer, Senhor?". O que responde Jesus para quem leva a sério o encontro com Ele, e pede a direção do novo caminho que deve tomar a partir deste encontro? A resposta de Jesus a Saulo é, no fundo, estranha: "Levanta-te e vai para Damasco. Aí vão explicar tudo o que Deus quer que tu faças." (At 22,10).

Aquele Cristo, que acabou de se incomodar para aparecer a Saulo com uma grande explosão de luz, com uma espécie de violência divina, como uma teofania vétero-testamentária, que lhe fala pessoalmente, que se revela a ele em uma maneira extraordinária, talvez única, não poderia explicar, Ele mesmo a Saulo, o que deveria fazer? Não poderia revelar a Paulo o seu caminho, de uma forma mística, como aquela, na qual, Ele se revelara a ele? Fará também, em seguida, mas agora Saulo deve ser conduzido a Damasco, e será a comunidade cristã de Damasco, com o seu pobre e simples "pároco" Ananias, que o ajudará a compreender o caminho da sua vocação, aquilo que Deus quer dele. E note-se que esta comunidade de Damasco, é a comunidade que Saulo até três minutos antes, odiava com todo coração, tanto que ia até lá para destruí-la; mas Saulo precisa de um lugar, de pessoas que lhe ensinem a conhecer o Senhor Jesus, que persegue, que não ama, que não teria nunca reconhecido como o caminho, a verdade, e a vida, da sua vida. Aquilo que Saulo queria destruir, torna-se o caminho a seguir, a regra a qual obedecer, a companhia da qual faz-se acompanhar, a fim de que se realize verdadeiramente o projeto de Deus para ele.

Para mim, este é um dos aspectos mais extraordinários do evento cristão: que Cristo escolha aquilo que gostaríamos de eliminar, aquilo que nos perturba e mais

nos repugna, como um lugar onde o encontro com Ele se torna para nós o caminho claro e seguro de nossa vida.

Porque a nossa comunidade nos parece sempre aquela que é cheia de defeitos e não a altura de sua vocação? Porque os superiores, irmãos e irmãs, com os quais devemos partilhar a vida de perto, nos parecem os menos aptos a garantir a nossa felicidade e são, muitas vezes, as pessoas com quem temos mais problemas de convivência? Na realidade, tudo isto é como para Saulo de Tarso, a comunidade de Damasco. Tudo isto é o lugar onde Cristo nos envia para cumprir o nosso encontro com Ele, com Ele perseguido, crucificado, não amado, antes de tudo por nós mesmos.

Imaginem com quanta humildade, quanta veneração, com qual contrição Saulo teve que olhar a comunidade de Damasco, depois desta experiência. Com quanta maravilha teve que perceber que se encontrava cheio de afeto por este pequeno, miserável grupo de cristãos que, poucos dias antes estava para destruir, com a cega arrogância de seu orgulho de fariseu.

É com o mesmo afeto e veneração, que a consciência do encontro com Jesus nos deve levar a olhar para o lugar da Igreja, da vida e vocação que o Senhor nos destinou. Somente assim, o encontro torna-se carne da nossa carne, e nós também, como Paulo, nos tornamos apóstolos, testemunhas da sua luz e beleza divino-humana, que pode transformar o mundo.

Se tomarmos consciência disto, começaremos a amar com ternura toda limitação e as limitações do ambiente a que pertencemos, ao qual fomos enviados, a nossa comunidade, cada um dos nossos irmãos e irmãs, o lugar e as circunstâncias de nossa presença e missão, e alí descobriremos o tesouro da amizade de Cristo, a dilatação do encontro com Ele que, se no início, era uma luz que nos cegava, através desta companhia na qual Ele nos envia, torna-se um olhar novo, um olhar onde a presença de Jesus revela-se como luz doce, que permite olhar tudo e todos com a Sua ternura.

A familiaridade com Jesus

Vimos que Jesus confia Saulo ao pobre "pároco" de Damasco, Ananias. Este último, pelo pouco que aparece em cena no Novo Testamento, não devia ser nem muito inteligente, nem muito corajoso. Começa, de fato, a informar Jesus sobre o passado de Saulo, como se Deus precisasse dele para conhecê-lo, e tem medo que Saulo não seja verdadeiramente convertido e venha para prendê-lo (cf. At 9,10-19). Ananias não é, portanto, nem uma águia, nem um leão, mas nele existe uma qualidade fundamental, que vence todos os seus defeitos e todas as suas fraquezas: tem uma relação extremamente familiar com Jesus. Falam-se como velhos amigos. Ananias não se surpreende que Cristo lhe apareça, que lhe fale. Responde-lhe: "Eis-me aqui Senhor" (At 9,10), como se diz, "Alô!" no telefone. Para ele, Jesus é uma presença familiar, uma presença que frequenta, que habita em suas jornadas, a sua vida de todos os dias.

É a um homem assim desleixado, que não se tornará um dos grandes apóstolos, missionários ou mártires, que Cristo confia a conversão e os primeiros passos cristãos de Paulo, um dos maiores, mais fecundos, mais iluminados e corajosos apóstolos que a Igreja já teve. Para progredir na nossa conversão, para permitir ir ao encontro com Cristo, para tornar-se para nós um caminho de vida, quem nos ajudam mais são aqueles para quem Jesus é uma presença familiar. E nisto, muitas vezes, uma criança ou vovozinha, têm mais autoridade que as pessoas "importantes".

Isto nos ajuda também a compreender que a familiaridade com Cristo é a raiz e a substância de toda fecundidade do testemunho. Paulo será grande, vai anunciar Cristo até os extremos confins do mundo conhecido, até as "periferias" geográficas, humanas, religiosas, culturais e espirituais de seu e nosso tempo, mas não esquecerá nunca o catecismo existencial de seu primeiro mestre, ou melhor, pai, aquele que o batizou na comunidade de Damasco. Viverá toda a sua grande missão, cultivando a familiaridade com Cristo, porque é Cristo que, por primeiro, a cultiva com ele. Também ele, como Ananias, não se surpreenderá que o Mestre lhe apareça para dizer, muito simplesmente, como um amigo, como um pai: "Não tenhas medo, continua a falar, não te cales, porque eu estou contigo." (At 18, 9-10)

É na familiaridade com Cristo que descobrimos a força que nos vem da sua ternura, para conosco e para com todos. É a partir daí que também nós somos chamados a retomar coragem e confiança para o nosso caminho. As vezes, dada a fragilidade de nossas comunidades e as dificuldades, muitas vezes enormes, das situações que devemos enfrentar, provamos temor em obedecer a tarefa de nossa vocação. Necessitamos redescobrir a familiaridade do encontro com o Senhor e estimular-nos, uns aos outros, a retornar a esta fonte. Como os pastores da noite de Natal que se estimulam um ao outro: "Vamos a Belém, ver esse acontecimento que o Senhor nos revelou." (Lc 2,15)

Na noite de Natal, Deus se fez familiar ao homem, a cada homem, em qualquer situação e condição que se encontre, e para sempre; que este Natal, nos ajude a reencontrar, juntos, esta familiaridade cotidiana com Jesus, para comunicá-la, uns aos outros, com alegria, e a viver tudo, com liberdade confiante e obediente, na ternura desta experiência.

Feliz Natal e Feliz Ano Novo a todos!



*Pe. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*